

Gonzaga de Sá, um *flâneur* com “pés-de-chumbo”: cidade e modernidade em Lima Barreto

Maria Cristina Machado*

Saturei-me daquela melancolia tangível, que é o sentimento primordial da minha cidade. Vivo nela e ela vive em mim! (Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá, p. 45)

Resumo. O artigo explora as visões da cidade do Rio de Janeiro no início do século XX, presentes no romance de Lima Barreto e discute como a dinâmica da implantação da modernidade em contextos periféricos se processa tardiamente e de forma subalterna em relação às metrópoles, centros do capitalismo internacional.

Palavras-chave. Cidade, costumes, literatura, crítica social, contexto histórico, modernidade.

O presente trabalho se construiu a partir da exploração das imagens da cidade no romance *Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá*, de Lima Barreto. Na literatura de Lima Barreto, as visões da cidade refletem o universo do autor e permitem, ao sociólogo, uma aproximação privilegiada com o contexto histórico — social em que se construiu. Através dos jornais, Lima Barreto foi, por excelência, um cronista do Rio de Janeiro. Nada escapou à sua observação. Dedicou-se a retratar, conforme sua expressão, a “sua cidade”, em todos os níveis — humano, social, físico e cultural. Representa a “vida” do Rio de Janeiro em todas as suas dimensões, revelando uma profunda paixão pela cidade. A “sua cidade” é o elemento central da literatura que produz, o fio condutor das reflexões que a transcendem. Desse modo, os romances de Lima Barreto remetem-nos ao *locus* da modernidade que é a cidade. Sua literatura constrói-se e desenvolve-se, por excelência, no ambiente urbano. Em *Vida e*

* Maria Cristina Teixeira Machado é professora do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal de Goiás, doutora pelo Departamento de Sociologia da Universidade de Brasília.

Morte de M. J. Gonzaga de Sá, porém, a cidade é promovida a personagem, a elemento estruturante da trama literária: o romance nutre-se do espaço e da história da cidade.¹ Lima Barreto não tinha a intenção, como os antecessores de Benjamin, tais como Poe, Baudelaire e outros, de compor um *tableau* social da metrópole moderna.

Entretanto, ao cumprir o que considerava ser o objetivo da literatura e procurar realizar sua proposta a partir da própria sociedade em que vivia — a sua cidade — acaba por nos brindar com uma representação da metrópole moderna no Brasil das primeiras décadas deste século. Marcado pela atividade jornalística e pelo excessivo zelo no cumprimento de seus ideais literários, o que produziu uma linguagem direta e clara, sem construções imagéticas mais elaboradas, não desenvolve uma forma literária sofisticada como Baudelaire. Porém, podemos aproximá-los, resgatando um retrato da modernidade brasileira a partir da cidade do Rio de Janeiro. Porém, antes de explorarmos aquelas imagens, introduzo alguns elementos indispensáveis para a percepção do romance em foco, no conjunto da produção literária do autor.

Quando olhamos para a vida de Afonso Henriques de Lima Barreto, alguns elementos devem ser destacados, porque indissociáveis de sua produção literária. Neste literato genial, vida e obra compõem uma unidade singular e comovente. Ficção e realidade caminham juntas a retratar os dramas pessoais e a vida da época — história de vida e história compõem um drama de vários atos.

Em primeiro lugar, merece destaque a origem do romancista. Nascido numa sexta feira 13 de maio de 1881, Afonso Henriques era mulato descendente de avós escravos. Seu pai, João Henriques era mulato quase preto, filho de antiga escrava com pai português que nunca reconheceu a paternidade. Sua mãe era filha de uma escrava da segunda geração de escravos da família Pereira de Carvalho. Consta que talvez tenha tido por pai um dos membros daquela família patriarcal.

“É triste não ser branco”, segredava numa das páginas do seu *Diário Íntimo*. Atribuía as dificuldades de sua vida — na imprensa, na escola Politécnica, nos meios literários, na repartição pública — ao fato de ser mulato. Seu personagem Isaías Caminha simboliza bem as humilhações e dificuldades que enfrentou na adolescência; Caminha se sentia um condenado por culpa da

¹ “*Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá*, é o mais belo poema que já se escreveu sobre o Rio de Janeiro, na descrição da sua vida urbana e suburbana, na defesa da fisionomia original da cidade ameaçada, desde então, pela incompetência de seus prefeitos vencidos ora pela ganância dos especuladores, ora pela própria estupidez” (Francisco de Assis Barbosa na Introdução a *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*).

côr, segundo suas palavras, proibido de viver, fechado a caminho da vida "por mãos mais fortes que as dos homens". Lima era freqüentemente dominado pelo sentimento de injustiça, pelo recalque contra o meio hostil que o abafava. Achava-se perseguido porque não nascera no luxo, porque vivia pobremente e era mulato. Externa estes sentimentos em várias de suas criações literárias, não apenas em *Isaías*. O sentimento de rejeição pela sociedade é uma constante invariável em sua obra. Preto e pobre, tinha que ser preterido no trabalho, reprovado na Politécnica, discriminado pelos literatos, perseguido na imprensa, enfim, discriminado pela vida. Lima sentia-se assim constantemente humilhado pela sua cor e este sentimento está amalgamado à sua produção literária, manifestando-se em todas as circunstâncias, mesmo se nas entrelinhas.

Em segundo lugar, devo destacar o contexto histórico em que viveu Lima Barreto: nascido no momento de transição do Império para a República, em um Rio de Janeiro provinciano, de pouco mais de 300 mil habitantes, as transformações a que assistiu foram profundamente vivenciadas e criticadas pela sua pena. Lima foi um crítico incansável da ordem instalada e, ao lado das questões políticas e econômicas que o escandalizavam, estava talvez um ressentimento pelas modificações trazidas pela ordem republicana à vida de sua família. Lima Barreto foi, até o fim da vida, um nostálgico da monarquia.

Os acontecimentos políticos do último ano da monarquia, vieram alterar por completo a vida da família Lima Barreto. Com a organização da resistência liberal, João Henriques, tipógrafo da Imprensa Nacional, passara a trabalhar à noite na Tribuna Liberal sob a orientação do compadre Afonso Celso (padrinho de Lima), visconde de Ouro Preto. A atitude corajosa de comparecer ao embarque do visconde, deportado pelo novos donos do poder, custou o emprego ao tipógrafo. Não suportando a pressão contra os monarquistas, pede demissão e é exonerado em fins de 1890. João Henriques perdeu, ao mesmo tempo, o lugar na Imprensa Nacional e o emprego na Tribuna Liberal, valendo-se da proteção dos Pereira de Carvalho que lhes deram acolhida, a ele e aos filhos. Em março de 1890, João Henriques conseguiu ser nomeado escriturário das colônias de alienados da Ilha do Governador, para onde se transfere em 1891, sendo posteriormente nomeado almoxarife daquela colônia. Os tempos que a família viveu ali foram os mais felizes da vida de Lima Barreto, mas ficou registrado o ressentimento contra a República.

Ao lado destes elementos familiares que marcaram a perspectiva de Lima, ele execrou a República, foi um crítico incansável de todos os seus aspectos, condenando as transformações que trazia em seu bojo, transformações que estavam a caracterizar o processo da modernização brasileira. Lima é um combativo inimigo do Brasil Moderno, porque identificava-o às mazelas da

república nascente: a corrupção dos políticos, da imprensa, o arrivismo dos doutores, a transformação dos costumes pela introdução de hábitos e fatos novos — o futebol, as mulheres estrangeiras na rua do Ouvidor, o pagamento em prestações, o uso do automóvel —, a transformação da cidade com a abertura de avenidas e construção de edifícios em licitações públicas que atenderam principalmente os interesses dos políticos, a subserviência aos interesses estrangeiros — tão bem simbolizada em sua ojeriza aos ingleses —, o empreguismo no setor público, a submissão da lei aos interesses pessoais, o feminismo nascente, etc. O moderno é identificado ao novo corrompido, ao novo sem dignidade, à deterioração moral e intelectual do país. Ao analisarmos o teor das suas críticas à República, constatamos que têm um conteúdo fortemente moral: é o comportamento corrompido, transgressor, superficial e arrivista o alvo principal do combate do autor.

Em terceiro lugar, devo destacar o peso das tragédias familiares e de suas conseqüências na vida do escritor: a morte da mãe em dezembro de 1887 aos seus 6 anos de idade, a loucura do pai em 1902 e, finalmente, o alcoolismo que lhe abrevia a vida. Segundo Barbosa, “a mais forte impressão de Lima Barreto, nos primeiros anos da vida foi, sem dúvida, a morte da mãe. Tal como o Horácio, do conto *O filho da Gabriela*, “fechou-se em si e nunca mais teve crises de alegria”. Tal como ele, sentia-se abandonado e sem defesa. Reagirá sempre com violência ante as injustiças do mundo e as incompreensões das pessoas que o cercam.

A loucura do pai, manifestada em delírios idênticos ao de Policarpo Quaresma, vem interromper os estudos de Lima Barreto na Escola Politécnica, cortando sua possibilidade de ascensão social, uma vez que, como filho mais velho, assumiu a chefia da casa, arcando com a responsabilidade de cuidar do pai demente, de alimentar e vestir mais oito pessoas: seus tres irmãos, a empregada Presciliana com seus filhos e o preto velho Manuel de Oliveira, agregado da família. Premido pelas responsabilidades frente à família, reagindo contra a própria natureza, dispôs-se Lima Barreto a fazer um concurso de amanuense para a Secretaria da Guerra. Após alguns percalços, foi nomeado a 27 de outubro de 1903. A loucura de João Henriques, que sonhava ver o filho realizar seus sonhos de adolescência, fazendo-se “doutor”, interrompe a carreira do filho e o transforma num inconformado burocrata. A mediocridade da vida de funcionário público e a tristeza da casa paterna marcada pela loucura do pai, compuseram uma triste realidade que estava constantemente a atormentar Lima.

Esta tragédia marca toda vida do romancista, conduzindo-o ao álcool. Além da frustração profissional e social que significou, Lima era profundamente ligado ao pai, homem sensível e inteligente que o havia iniciado nas letras,

estimulando-o no interesse pela leitura, pelos problemas e pelas manifestações intelectuais de seu tempo.

Muitas causas, dirá em confissão em seus diários, influíram para que eu viesse a beber; mas, de tôdas elas, foi um sentimento ou pressentimento, um medo, sem razão nem explicação, de uma catástrofe doméstica sempre presente.

Ao se deixar levar pela vida de boêmia, degradando-se pelo vício, Lima agarra-se à literatura como a um resto de um naufrágio. No álcool, procurava anular-se por completo, ser esquecido, desaparecer. Na literatura, ao inverso, tentava afirmar-se, ser alguém. Morre em 1922, aos 41 anos, quando pretendia terminar *O Cemitério dos Vivos*, continuação de seus *Diários do Hospício*. Assis Barbosa revela que, em um momento de lucidez, João Henriques perguntara à filha Evangelina se o filho havia morrido. Morreu quarenta e oito horas depois. A tragédia que os unira em vida termina com a morte de ambos.

Finalmente, destaco a já referida atividade jornalística de Lima Barreto: a militância na imprensa marcou, na sua obra, o estilo, a forma e a amplitude do universo temático. Dos 17 volumes publicados pela Brasiliense, apenas cinco são romances: *Triste Fim de Policarpo Quaresma*, *Confissões do Escrivão Isaías Caminha*, *Clara dos Anjos*, *Numa e a Ninfa* e *Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá*. Dos demais, dois referem-se a correspondências, um compõe o *Diário Íntimo* e os demais — *Contos Urbanos*, *Cemitério dos Vivos*, *Feiras e Mafuás*, *Os Bruzundangas*, *Coisas do Reino de Jambon*, *Marginália*, *Bagatelas*, *Impressões de Leitura*, *Histórias e Sonhos* — são coletâneas de crônicas, artigos e contos publicados nos jornais. Além disso, ao fim de alguns romances, como *Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá* e *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*, há coletâneas de escritos esparsos.

Observo, da leitura deste material, que o universo temático construído através do trabalho jornalístico está presente nos romances, só que organizados no contexto da trama romanesca: o xenofobismo, o feminismo, a aversão ao novo, o burocratismo, a corrupção dos políticos, o estigma da cor, os tipos humanos da cidade, as transformações urbanas, os pobres, o subúrbio são temas que estão tanto nos artigos, contos e crônicas, quanto nos romances. Observo ainda, na leitura do autor, que sua pena combativa e militante está sempre a utilizar-se da ficção como meio de expressar os problemas que afligem o romancista. Mesmo nos artigos e contos, que têm um caráter jornalístico de participação no dia a dia da cidade/país, o recurso à ficção é uma constante. São muito freqüentes denúncias e críticas de problemas cotidianos através da ficção.²

² Vide *Contos Urbanos*.

Destacados esses elementos, passo à análise proposta. Inserido num momento e em um espaço na periferia onde se consolida a formação da sociedade capitalista, Lima Barreto promove, como diria Habermas (1990), a autocertificação de uma modernidade periférica e tardia, sob o prisma da literatura. Surge aqui, tal como nos porta-vozes originais da modernidade³ o desenvolvimento de uma nova linguagem: uma linguagem que atenda mais de perto à alma e ao corpo da modernidade brasileira. Lima Barreto, como Baudelaire, estava preocupado em desenvolver uma linguagem mais adequada à realidade de seu tempo. Mas, ao contrário do poeta francês, não desejava uma linguagem adaptada aos impulsos líricos da alma, ou às modulações do sonho, ou aos saltos e sobressaltos da consciência. Fiel a seu propósito, que via na literatura um instrumento de comunhão e união entre os homens, desejava uma linguagem que denunciasse os entraves sociais ao conagraçamento humano. Atento ao aspecto material da modernidade, desenvolve um realismo que o aproxima mais do conceito de modernização dominante em Marx, do que do modernismo que caracterizaria Baudelaire. A modernidade transfigura a linguagem, na medida em que as transformações desencadeadas pelo processo modernizador, exigem formas inovadoras de expressão. Na literatura brasileira do início do século, Lima Barreto foi a voz que atendeu a este impulso renovador.

Em *Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá*, aqueles temas que absorvem a preocupação diária do literato nos jornais nos são revelados pelas reflexões de Gonzaga e de seu biógrafo Augusto Machado, personagens que se alternam como *alter-ego* do autor. Podemos, tal como Benjamin fez em relação a Baudelaire, assimilar a perspectiva de Lima Barreto através de seus personagens à do *flâneur*. Tal como o *flâneur*, Gonzaga se nutre da história e do espaço da cidade. Ele é senhor da cidade em sua dimensão espacial e temporal. Tal como o *flâneur* em Paris no século passado, que resume sua experiência no espaço e no tempo, Gonzaga resume a experiência do Rio de Janeiro: o tempo do agora é revelado através dos temas do cotidiano e na crítica à República em todas as suas manifestações. O passado é revelado nas evocações nostálgicas da personagem. E todas estas construções históricas, presentes ou passadas, são despertadas pela estrutura física da cidade: suas belezas naturais, suas ruas, praças, edifícios, logradouros e bairros.

No exercício constante da *flânerie*, desenvolvem-se as reflexões de Gonzaga de Sá e de seu biógrafo Augusto Machado. Neste deambular, a vida da cidade é revelada pela sua fisionomia exterior. De modo que a cidade aparece,

³ Conforme Machado (1997), "Os Porta-Vozes da Modernidade".

é vista, em sua moldura natural física ao mesmo tempo em que se revela em sua vida interior. Daí podermos caracterizar os personagens como fisionomistas⁴ da cidade: constróem o seu exterior e interior pela fisionomia, ultrapassando o aparente e penetrando no sentido histórico, essencial. É um movimento contínuo entre a vida da cidade e sua configuração espacial. Assim sendo, a cidade em seus aspectos físicos, urbanísticos, serve de fio condutor para a cidade vida, cidade história, cidade sociedade, cidade cultura. Cada canto, recanto, evoca a vida que ali se encontra. Acompanhemos Gonzaga de Sá.⁵

O romance abre-se com uma "Explicação Necessária", marcada pela ironia. A ironia e a caricatura são recursos a que o autor recorre constantemente, manuseando-os magistralmente.

A idéia de escrever esta monografia nasceu-me da leitura diurna e noturna das biografias do doutor Pelino Guedes. São biografias de ministros, tôdas elas, e eu entendi fazer as dos escribas ministeriais (...) Obedeci, aliás muito inconscientemente em comêço, à lei da divisão do trabalho; e como isso, sem falsa modéstia o digo, fiz uma importante descoberta que o mundo me vai agradecer.

Os sábios, pelas notícias que deles tenho, não tinham dado ainda pela falta de verificação desta lei, nos domínios da biografia. Entretanto era fácil de ver que, exigindo a ordem obscura do mundo humano um doutor que cure, outro que advogue, forçoso era também que houvesse um biógrafo para os ministros e outro para os amanuenses" (G. S.: 29).

Pelino Guedes não é ficção.⁶

A motivação que justifica a biografia conduz à localização social do personagem principal, o ponto de vista sob o qual se construirá a perspectiva da modernidade do nosso *flâneur*: o *status* de pequeno funcionário público. *Alter-ego* do autor, Gonzaga de Sá é a alegoria da consciência pequeno-burguesa, especificamente de uma consciência pequeno-burguesa marginal, excluída da modernidade que se insinua. Abolida a escravatura no fim do século XIX, o escritor negro ou mulato, que durante a luta abolicionista nos decênios de 70 e 80, estivera motivado pelos projetos de liberdade, viu-se sem

⁴ Sobre o conceito de fisionomia, consultar Bolle (1994), parte III.

⁵ Todos os temas que serão levantados através da *flânerie* de Gonzaga de Sá foram trabalhados com maior profundidade em Machado (1997), trabalho de minha autoria.

⁶ À página 176 do *Diário Íntimo* sabemos que Pelino Guedes é chefe de repartição no Ministério da Justiça. Em *Contos Urbanos*, Lima Barreto critica com veemência biografia recém-lançada por este escritor, no artigo "Cada Raça tem um Calino".

maiores perspectivas de futuro. A arena passara da senzala ao mercado de trabalho. A saga de Isaías é, segundo Bosi (1992), a metáfora do intelectual ao mesmo tempo livre e confinado. Onde quer que vá, Isaías sente-se como que exilado sob a cor da pele. A mesma sensação de estranheza é transmitida por Cruz e Souza no poema *Emparedado* escrito poucos anos antes das *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*. Cruz e Souza e Lima Barreto compartilham uma inteligência aguda e perspicaz afrontando os dogmas do imperialismo racial. A condição de escritores pobres e marginais produziu uma rara lucidez contra-ideológica que contribuiu, de modo contundente, para a formação de uma cultura de resistência em nada semelhante à visão oficial da república nascente, marcada pela amenidade. Em Lima Barreto, este ideário contra-ideológico teve ainda, como estímulo, o contato com grupos anarquistas e socialistas.

A abolição da escravatura torna-se o início de um processo que, para o homem negro, avança em duas direções: para fora, na medida em que é expulso de um Brasil moderno, cosmético, europeizado e, para dentro, na medida em que é tangido para os porões do capitalismo nacional, sórdido, brutesco. O assalariado, migrante ou não, substitui o braço escravo junto ao senhor da terra. A partir daí, o ex-cativo passaria a viver o exílio como um estigma na cor da sua pele — “emparedado”, como expressou-se Cruz e Souza. É esta perspectiva de vida que se abre para Afonso Henriques de Lima Barreto. É o contexto que molda a consciência expressa em Gonzaga de Sá.

É interessante observar ainda que a ironia e o traço caricatural da *Explicação Necessária* de Augusto Machado, também *alter-ego* do autor que, segundo suas próprias palavras, não possui as qualidades requeridas às atividades intelectuais que se propunha a executar, assinala, logo de entrada um tema sempre presente no autor: a crítica aos intelectuais da época. A consciência do ser excluído, inconformada, remete para o outro extremo da pirâmide social: registra o privilegiado, o “doutor”. Biógrafo e biografado inserem-se numa esfera social onde competência e prestígio são conferidos ao “doutor”. Daí a originalidade do propósito: o registro da vida de um amanuense por um biógrafo — ambos não doutores, ao contrário de Pelino e seus biografados — o que não se encaixa no figurino intelectual da época.

Se, como diz Sevcenko (1983), o critério mais abrangente para encaminhar a análise do acervo temático de Lima Barreto é o poder, não há figura alegórica que melhor aglutine os mecanismos que regulam o exercício do poder no Brasil do que a do “doutor”. Da Matta (1990) já percebera a importância de Lima Barreto, na representação de um país que privilegia as pessoas — os doutores — e desconhece o indivíduo — objetivação dos modernos princípios de universalismo e individualismo. O “doutor” nega a

modernidade em seus princípios fundamentais. Revela, numa ordem social que se transforma, como no período em questão, a manutenção de privilégios estamentais, incompatíveis com uma sociedade democrática moderna. É o resqúcio de uma sociedade tradicional patriarcal e patrimonialista. A consciência marginalizada não aceita esta sociedade elitista, hierarquizante e segregadora e requer a aplicação dos princípios de universalidade, individualismo e, por extensão, de autonomia.

O "doutor" destaca-se pelo falso saber, pelo cultivo da aparência, pela superficialidade, pelo oportunismo e, finalmente, pelo exercício ilegítimo do poder. Marginalizado e discriminado, Lima Barreto não perdoa o "doutor". As constantes críticas à Academia Brasileira de Letras, *locus* por excelência do "doutor", catalisam o ponto de vista do autor. A ironia que acompanha a "explicação necessária", revela um ressentimento dos que se vêem excluídos da esfera de poder e privilégios.

É interessante observar que, na República de Lima Barreto, o "doutor" objetiva-se não só na versão intelectual, cujo arquétipo seria Coelho Neto, como também na versão política. Às vezes, como no caso do Barão do Rio Branco, as duas versões são objetivadas numa mesma figura. O barão do Rio Branco encarna a figura do "doutor" nas crônicas de Lima Barreto. Tem tudo a ver com *O homem que sabia javanês*, alegoria mais perfeita de tudo que encarna e representa o "doutor". Daí também a ironia na explicação de Augusto Machado: não só o biógrafo não é um doutor; o biografado, não sendo ministro, político de destaque, também foge à regra.

Ao lado da intelectualidade da época, o comportamento dos políticos era alvo dos mais contundentes ataques de Lima Barreto em suas crônicas, uma das razões principais da crítica implacável à República. A nova ordem política foi, para o autor, um retrocesso histórico, na medida em que generalizou a corrupção e acentuou os problemas sociais. Na república nascente, as finalidades atribuídas ao comportamento dos políticos — corrupto, arrivista, servil aos interesses da burguesia, desvinculados dos interesses do povo e do país — são as principais razões da rejeição do romancista ao país que se moderniza, alimentando a nostalgia da monarquia. Catalisando os atributos dos políticos da época, o barão do Rio Branco não é poupado pela pena de Lima Barreto.

Funcionário do Ministério da Guerra, Augusto Machado fora mandado à Secretaria dos Cultos para resolver um caso de salvas devidas ao bispo de Tocantins. Desincumbindo-se de suas tarefas junto à Secretaria dos Cultos, Machado conhece Gonzaga de Sá, "afogado num mar de papéis, na seção de "alfaias, paramentos e imagens", informando muito seriamente a consulta do Vigário de Sumaré, versando sobre o número de setas que devia ter a imagem

de São Sebastião”. É interessante observar que a figura de Gonzaga de Sá foge à mediocridade do ambiente, sendo construída de forma sempre positiva e carinhosa.

Vi nele um velho inteligente (...), entendi-o ilustrado e de uma recalcada bondade. Não sei também porque advinhei que tinha um bom nascimento e a antigüidade do aparecimento de seus antepassados nestas terras não datava da República nem do encilhamento (...) Usava, como vim a verificar mais tarde, para estar em dia com o seu Deus, dele, freqüentar as cerimônias religiosas; e não, como a burguesia republicana, para firmar-se nos frades, padres, freiras e irmãs de caridade e enriquecer-se ignobilmente, criminosamente, cinicamente, se caridade e amor, senão aquelas de aparato (G. S.: 36-37).

Ao relatar o conhecimento entre o biógrafo e o biografado, Lima Barreto compõe uma caricatura genial da relevância das questões que ocupam os burocratas destacando, pelo traço caricatural, como inutilidades podem ser elementos conotadores de prestígio. A repartição pública é, ao lado da Academia e da Câmara dos Deputados, um dos *habitats* do “doutor”, também um burocrata carreirista. A consciência pequeno-burguesa, representada em Gonzaga de Sá e Augusto Machado, tem um lugar especial no universo republicano. A localização social das personagens decorre não somente da projeção do universo familiar do autor, amanuense do Ministério da Guerra, como também da estreita conexão que se estabeleceu no período republicano entre burocracia, militarismo e letras.

O contato entre os personagens, narrador e protagonista, além de estabelecer conexões entre burocracia e militarismo, remete-nos também à caracterização de Gonzaga de Sá, alguém que distoa no universo da repartição pública. Gonzaga de Sá representa a sobrevivência de valores tradicionais, destruídos pela nova ordem político-econômica, especialmente pelos recém-chegados à cidade e pela burguesia dominante. Ao ressaltar as qualidades do biografado, Antonio Machado deriva-as sempre do fato de não estarem inseridas na República ou na esfera da classe dominante .

A conexão entre burocracia, militarismo e letras indicada pela apresentação da personagem título do romance, além de remeter a questões políticas e econômicas da maior importância na configuração do regime republicano, conduz também à caracterização dos tipos de funcionários públicos e aos critérios norteadores da dinâmica da ordem burocrática no Brasil.⁷ Tal

⁷ Tal como vemos em “Três Gênios da Secretaria”, em *Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá*.

como o "doutor", os tipos de burocratas assinalados por Lima Barreto indicam a sobrevivência de comportamentos que negam uma ordem democrática moderna. A burocracia que, no modelo ideal, se deveria reger por critérios de competência e de racionalidade, é negada no Brasil. Porém, entre as criações de Lima Barreto, a sátira aos burocratas que marcaram o serviço público na República Velha, preocupados com inutilidades e formalidades, culmina em Xisto Beldroegas, um personagem caricato e ridículo que compõe uma alegoria genial do funcionário público dedicado a atividades inúteis (G. S.: 143).

Porém, antes de prosseguir sobre a vida de Gonzaga, Machado descreve sua morte. Aqui, aparecem evocações sentimentais suscitadas pela contemplação das belezas naturais da cidade. A cidade é o ponto de partida para evocações pessoais que se fazem por analogia à sua natureza. A partir daí, a história de vida é inserida na história da cidade.

Nós tínhamos tratado de encontrarmo-nos no terraço do Passeio Público, para ver certo matiz verde que o céu toma, às vezes, ao entardecer (...)

(...) O poeta tinha razão: era verdadeiramente a grandiosa Guanabara que eu via!

A Glória, do alto do outeiro, com o seu séquito de palmeiras pensativas, provocou-me pensar e lembrar minha vida, cujo desenvolvimento — conforme o voto que os meus exprimiram no meu batismo — se devia operar sob a alta e valiosa proteção de Nossa Senhora da Glória. E, quando alguma coisa nos recorda essa apagada e augusta cerimônia, vêm à lembrança fatos passados, cuja memória vamos perdendo (...) Durante meia hora, fiz um detido exame dos meus atos passados e fui colhendo as suas analogias com o meu ambiente pátrio.

Aqui, a contemplação da natureza suscita um aprofundamento da interioridade. O narrador prossegue em seu exame, mergulhando em si mesmo.

Tinha sido vário em seus aspectos e descuidoso como a irregularidade do meu solo natal. Sorrira com a baía, entre triste e alegre; e tive debaixo dêsse sorriso uma réstia da energia daquelas rochas antiguíssimas.

Diante da serra dos Órgãos, cuja grandioso anseio de viver em Deus fui sentindo desde menino, aprendi a desprezar as fôfas cousas da gente de consideração e a não ver senão a grandeza de suas inabaláveis agulhas que esmagam a todos nós (...)

Saturei-me daquela melancolia tangível, que é o sentimento primordial da minha cidade. Vivo nela e ela vive em mim! (G. S.: 38-40)

Em todo o romance, as imagens mais poéticas foram construídas pelo romancista a partir da “sua” cidade. Augusto Machado e Gonzaga de Sá revelam paixão e identificação com a cidade. A *flânerie* acompanha o exercício do diálogo entre biógrafo e biografado, transformados em amigos nestas andanças. As caminhadas surgem como meio de constante afirmação da identidade de Gonzaga e, nestas andanças, as evocações da história de vida são amalgamadas a sentimentos de nostalgia e melancolia. A cidade afigura-se como um meio de afirmação da identidade.

O que me maravilhava em Gonzaga de Sá era o abuso que fazia da faculdade de locomoção. Encontrava-o em toda parte, e nas horas mais adiantadas (...) Gonzaga de Sá vivia da saudade da sua infância gárrula e da sua mocidade angustiada. Ia em procura de sobrados, das sacadas, dos telhados, para que à vista deles não se lhe morressem de todo na inteligência as várias impressões, noções e conceitos que essas cousas mortas sugeriram durante aquelas épocas de sua vida (...) Assim vivendo todo o dia nos mínimos detalhes da cidade, o meu benévolo amigo conseguira amá-la por inteiro. (G. S.: 63)

As evocações da História são uma constante, revelando a origem e a evolução da cidade de São Sebastião, em descrições que constróem imagens ricas de conteúdo histórico.

Penso que tôda cidade deve ter sua fisionomia própria. Isso de tôdas se parecerem é gôsto dos Estados Unidos (...) O Rio, meu caro Machado, é lógico com êle mesmo, como a sua baía o é com ela mesma, por ser um vale submerso. A baía é bela por isso; e o Rio o é também porque está de acôrdo com o local em que se assentou (...)

Ao nascer, no tôpo do Castelo, não foi mais do que um escopo branco surgindo num revolto mar de bosques e brejos. Aumentando, desceu pela venerável colina abaixo; coleou-se pelas várzeas em ruas estreitas (...) a quilombola e o corsário projetaram um pouco a cidade; e, surpreendida com as descobertas das lavras de Minas, de que foi escoadouro, a velha São Sebastião aterrou apressada alguns brejos, para aumentar e espraiar-se, e todo o material foi-lhe útil para tal fim. A população, preguiçosa de subir construiu sôbre um solo de cisco; e creio que Dom João veio descobrir praias e arredores cheios de encanto, cuja existência ela ignorava ingênuamente. Uma cousa compensou a outra logo que a Côrte quis firmar-se e tomar ares solentes (...) O tráfico de escravos imprimiu ao valongo e aos morros da Saúde alguma cousa de aringa africana (...)

O bonde, porém, perturba essa metódica distribuição de camadas. Hoje (ponho de parte os melhoramentos), o geólogo de cidades atormenta-se com o aspecto transtornado dos bairros. Não há terrenos mais ou menos paralelos; as estratificações misturam-se; os depósitos baralham-se; e a divisão da riqueza e novas instituições sociais ajudam o bonde nesse trabalho plutônico. No entanto, êsse veículo alastra a cidade; mas serve aos caprichos de cada um, de forma a fazer o rico a morar num bairro pobre e o pobre morar num bairro rico (G. S.: 67).

A configuração da cidade, que se vinha fazendo de modo natural no decorrer da história, é “perturbada” pelo surgimento do bonde: o bonde embaralha a estrutura física e social da cidade. A organização metódica que se fizera naturalmente é violada pelo artefato moderno.

Fiel às crônicas de Lima Barreto que, registrando a cidade nos problemas do cotidiano, condena as transformações levadas a cabo pelo prefeito Pereira Passos, Gonzaga de Sá, ao contrário do *flâneur* parisiense, não sonha com as possibilidades oferecidas pelas mudanças da cidade — sua relação com elas é de negatividade.

Um forte mal-estar desvia o *flâneur* do Boulevard Haussman. Desconsiderando as realidades históricas, Haussman destruiu e reconstruiu Paris de modo autoritário. A construção de largas avenidas, monumentos de poder da burguesia, encarnação do capital financeiro, atendeu à idéia de *embellissement stratégique*, cujo objetivo era facilitar a movimentação de tropas das casernas aos bairros populares e dificultar a construção de barricadas pelo alargamento das ruas. Esse processo é acompanhado do encarecimento dos aluguéis, que expulsa as famílias proletárias da cidade, pela proliferação da especulação financeira, pelo exercício de operações fraudulentas no favorecimento a empreiteiras e indenizações a proprietários de imóveis. A megalomania expande-se e prédios suntuosos são construídos de modo irresponsável. A Paris Imperial que resultou deste frenesi avassalador fez-se a um alto custo humano. Daí o mal-estar do *flâneur*.

Porém, cultor do *Erlebnis*, o *flâneur* aprendeu que a realidade, mesmo se negativa, pode conter possibilidades positivas e utópicas: vê também, nas novas avenidas, o seu lado de sonho, sente-se atraído pelas ruínas — as ruínas de Haussman são, para ele, ricas de ensinamentos sobre a transitoriedade das coisas. Na perspectiva do *flâneur*, se a Paris de Haussman rompe antigas conexões, é também capaz de criar novas: além de estabelecer a intercomunicação de partes da cidade que até então viviam isoladas, estabelece conexões com o futuro.

Afirmção da identidade, história e biografia brotam na reflexão de Gonzaga de Sá, estimuladas pela *flânerie*. O contato e a visão da cidade constróem no nosso *flâneur*, a exemplo do francês, uma perspectiva histórica. Porém — e, nesse sentido, porta-voz das opiniões de Lima Barreto, fiel à crítica que viceja nas crônicas da cidade — Gonzaga de Sá jamais projeta o futuro. Considero emblemático que Augusto Machado descreva sua morte antes de falar de sua vida. A ausência de projetos para o futuro encerra o personagem no presente que evoca o passado. Com Gonzaga de Sá morre um tempo que Lima Barreto desejava perpetuar.

É interessante observar que a personagem tivera, em vida, um projeto não concretizado. Tratava-se, porém, de um sonho de liberdade e não de uma projeção para o futuro. Augusto Machado, revolvendo papéis que o amigo lhe legara, encontra um de sugestivo título, *O Inventor e a Aeronave*, que falava de um desejo de infância: o desejo de voar. Ali, Gonzaga de Sá relatara que, após estudos sistemáticos, fundamentados em consultas a tratados, revistas e compêndios especializados, concebera uma aeronave. Com a mesma meticulosidade e cuidado com que fora concebido, o aparelho fora construído.

Ficou pronto, e lindo, e alígero que nem uma libélula. Iria subir, iria remontar os ares, transmontar cordilheiras, alçar-se longe do solo, viver algum tempo quase fora da fatalidade da terra, inebriar-se de azul e de sonhos celestes, nas altas camadas rarefeitas.

A espera pelo momento de concretizar o sonho de infância foi uma noite insone, de um apaixonado na expectativa do amor desejado.

Veio a aurora e êle a viu, pela primeira vez, com um interessado olhar de paixão e de encantamento. Deu a última demão, acionou manivelas, fêz funcionar o motor, tomou o lugar próprio... Esperou... A máquina não subiu (G. S.: 45).

Vivendo em desarmonia com seu tempo, Gonzaga de Sá desejava libertar-se das amarras que o prendiam à realidade. Encontrou, no desejo de voar, enraizado na psique coletiva desde tempos imemoriais, o caminho imaginário da liberdade. A tecnologia moderna, porém, meticulosamente estudada pelo sábio Gonzaga de Sá, não objetivou seu sonho. Restou-lhe somente o presente, aceito com a resignação de quem o acredita derivado de forças divinas que submetem a vontade humana e, até mesmo, a toda poderosa ciência. Considero também emblemático aqui que a ciência, grande conquista da modernidade, não tenha concretizado o sonho de Gonzaga de Sá, reforçando-se assim, com esta frustração, a perspectiva pessimista frente ao presente e a nostalgia do passado que marcam a personagem. Tanto a morte quanto o sonho

frustrado do personagem são descritos pelo biógrafo logo de entrada, caracterizando sua inadaptação ao presente, descortinado no relato posterior que constrói a biografia.

Desse modo, a perspectiva histórica de nosso *flâneur* está mais próxima da visão historicista que pretende reviver o passado do que da perspectiva dialética que percebe no "tempo do agora" as possibilidades do futuro. Gonzaga de Sá, enquanto visão da história, não tem o perfil do *flâneur* parisiense, alegoria por excelência do papel que a "imagem dialética" ocupa na historiografia de Benjamin.

Utilizando-se do *flâneur* como alegoria, Benjamin objetiva sua visão de história. Critica tanto a historiografia progressista, que vê o progresso como inevitável e cientificamente previsível, quanto o historicismo que pretende reviver o passado pela identificação afetiva do historiador com seu objeto. Segundo Benjamin, estas concepções se apoiam numa mesma concepção de tempo "homogêneo e vazio". É necessário, numa perspectiva materialista, fundar um outro conceito de tempo, "o tempo do agora". Apesar da oposição à ideologia do progresso, uma vez que percebe a presença da catástrofe na modernidade, a idéia do "tempo do agora" de Benjamin, de natureza dialética, impossibilita o desejo de reviver o passado. Este desejo é uma marca do nostálgico Gonzaga de Sá.

Em meio às evocações que a cidade provocara, a visão de um grupo de ingleses irrita Gonzaga de Sá. Sua argúcia e sensibilidade não deixam escapar a percepção desta influência externa que não somente dá início aos laços de dependência econômica do país, como também a um processo que, transmutando valores tradicionais e estilo de vida, desfigura a cultura brasileira, agride as raízes de brasilidade. A consciência pequeno-burguesa de Gonzaga de Sá é marcada por um exarcebado sentimento nacionalista, vinculado à identificação com a natureza e xenófobo, pela consciência crítica que mantém em relação à dominação estrangeira. Lima Barreto é um combatente incansável contra a penetração de valores e domínio estrangeiro no país, revelando uma visão aguçada sobre as relações internacionais. Não há dúvida, porém, que o comovido e quase trágico major Policarpo Quaresma é a personagem aglutinadora de suas idéias: compõe uma alegoria completa dos ideais nacionalistas do autor que rejeitam a ingerência externa e reclamam autonomia.

Deixando os ingleses, o diálogo dos dois amigos encaminha-se para um tema sempre presente em Lima Barreto: as mulheres. O princípio da universalidade preside a consciência de Gonzaga de Sá, que reclama sua aplicação. Lima Barreto revela grande sensibilidade no tratamento das relações entre sexos, abordando de forma original a questão dos gêneros. O "tema de

Carmen”, como o denominou Resende (1993), mulheres mortas por ciúmes de maridos ou namorados, é uma constante em suas crônicas da cidade.⁸

Fiel ao princípio de igualdade e comunhão entre as pessoas, o literato não tolera a sobrevivência da dominação masculina, com poder de vida e morte, sobre as mulheres. A defesa das mulheres é uma constante que se refere não somente ao direito de decidir sobre a própria vida, como também de pleitear direitos iguais aos dos homens, como o da educação que, à época, se restringia ao nível elementar.⁹ Segundo Rocha (1990), a orientação da época privilegiava a educação dos meninos porque seguia ainda um preceito vigente, até o século XIX, de que as mulheres poderiam fazer mal uso da leitura e da escrita.

Porém, o defensor intransigente dos direitos das mulheres pode revelar-se um crítico impiedoso. Sentados num banco do Campo de Sant’Ana, ao refletir sobre uma “menina bonita” que passa, Gonzaga de Sá considera que todo o cuidado revelado no vestuário feminino tem como único objetivo a conquista de um casamento — é sua lei básica, sua filosofia primeira, conclui. Gonzaga de Sá não perdoa o coquetismo e a superficialidade das mulheres sempre voltadas para o casamento e as mudanças de comportamento que se dissolvem frente a perspectivas tradicionais de vida. Os diálogos dos amigos¹⁰ denigrem as tentativas de emancipação das mulheres, remetendo à visão de Lima Barreto presente nas crônicas da cidade, sobre o movimento feminista nascente, considerado pelo romancista “um partido de cavação como outro qualquer”. Segundo o romancista, o movimento, ao invés de se posicionar em defesa das próprias mulheres, violentadas constantemente pelos homens, está na disputa mesquinha por empregos públicos.¹¹ Em sua opinião, o movimento de emancipação da mulher, orientado pela sede de poder, cindiu-se em facções que só se unem na luta pelo direito ao voto.¹² É interessante observar que se o autor, por um lado, exige maior amplitude do movimento feminista, ridicularizando as vertentes que se digladiam, suas pretensões consideradas limitadas e carreiristas, por outro nega o universalismo expresso em Gonzaga de Sá, pois em nenhum momento se posiciona favoravelmente ao direito feminino ao voto, uma das conquistas dos tempos modernos.

Se Gonzaga de Sá aparece-nos ora como defensor, ora como crítico das mulheres e de seus ideais, também desnuda a faceta do admirador em imagens

⁸ Vide “Não as matem, pelo amor de Deus!”, em *Vida Urbana*.

⁹ Vide “Pela Seção Livre”, em *Bagatelas*.

¹⁰ Tal como o da p. 84.

¹¹ Vide “Os Uxorícidias e a Sociedade Brasileira”, em *Bagatelas*.

¹² Vide “Feminismo e Voto Feminino – um estudo de ciência social”, em *Feiras e Mafuás*.

ricas de conteúdo histórico. Sentados em um café, os dois amigos são atraídos por um espetáculo. Mulheres desfilam na rua.

Uma tarde no Café Papagaio, vindo passar pela Rua Gonçalves Dias afora, de baixo para cima, de um lado para outro, grandes mulheres estrangeiras, cheias de jóias, com espantosos chapéus de altas plumas, ao jeito de velas enfunadas ao vento, pedrarias, e ouro, e sêdas roçagantes, centralizando os olhares do juiz, do deputado, do grave pai de família, das senhoras honestas e das meninas irrepreensíveis, eu me lembrei de uma frase de Gonzaga de Sá: a dama fácil é o eixo da vida (...) Saíam do Bordeaux ou do Havre, “comme un vol de gerfauts”, chegavam com a estranha fisionomia dos mármore que os séculos consagrara; (...) Elas Seguem... É a Rua do Ouvidor. Então é a vertigem. Todas as almas e corpos são arrebatados e sacudidos pelo vórtice (...) E tudo acaba nelas; é para elas que se drenam os ordenados, os subsídios; é a elas também que vão ter o fruto dos roubos e os ganhos das tavolagens. É uma população, um país inteiro que converge para aquêles seres de corpos lassos (...) E a civilização se faz por meios tão vários e obscuros que me pareceu que elas, como os veneráveis galeões que evocavam, traziam às praias do Brasil as grandes conquistas da atividade européia, o resultado do difícil e lento evoluer dos milênios. Lembrei-me então duma frase de Gonzaga de Sá. Disse-me êle uma vez no colombo:

— Estás vendo estas mulheres?

— Estou, respondi.

— Estão se dando ao trabalho de nos polir.

De fato, elas nos traziam as modas, os últimos tiques do Boulevard, o andar dernier cri, o pendeloque da moda — coisas fúteis, com certeza, mas que a ninguém é dado calcular as reações que podem operar na inteligência nacional (...) E a civilização se faz por tantos modos diferentes, vários e obscuros, que me parecem ver naquelas francesas, húngaras, espanholas, italianas, polacas, bojudas, muito grandes, com espantosos chpéus, ao jeito de velas enfunadas ao vento, continuadoras de algum modo da missão dos conquistadores (grifo meu, G. S.: 103-105)

Esta analogia entre mulheres e embarcações, evocando a história, a idéia de que as mulheres de vida fácil são o “eixo da vida”, é recorrente em Lima Barreto¹³ e revela as mulheres da rua do Ouvidor e da Gonçalves Dias como

¹³ Repete-se em *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*, p. 86.

elementos transformadores de comportamento e, ao mesmo tempo, o próprio processo civilizador se fazendo no Brasil, sob a égide da prostituição. “Continuadoras da missão dos conquistadores”, as mulheres atuam como elementos modernizadores, introduzindo idéias, artefatos, comportamentos, hábitos e valores novos. É interessante observar que, apesar de todas as limitações impostas pela rigidez moral de seu tempo, nem Lima Barreto e nem suas personagens revelam uma perspectiva moralista. A consciência marginal, sensível a tudo que a cerca, não se detem no encantamento do espetáculo que lhe é oferecido a ver. Capta seu sentido histórico, penetra no essencial.

A sensibilidade de Gonzaga de Sá encontra eco em trabalhos das ciências sociais do futuro. Falando sobre as zonas pioneiras do Brasil, Lévi-Strauss destaca a importância das regiões de lazer em cidades que saíram do nada, como Curitiba, Londrina, Nova Dantzig, Rolândia, Arapongas, Goiânia e Marília. Nestas áreas de lazer, as casas de tolerância tinham um destaque especial que remete o autor à observação de que as *francesinhas e suas irmãzinhas* constituíam, no século XIX, as “alas mestras” da influência européia no estrangeiro. Enriquecendo suas observações, assevera que

alguns colegas não hão de certamente desmentir-me se eu lembrar que a criação da Universidade do Rio Grande do Sul, o Estado mais meridional do Brasil, e o predomínio aí concedido aos mestres franceses tiveram como origem o gosto pela nossa literatura e pela nossa liberdade, inculcado em Paris, durante a sua juventude, num futuro ditador por uma menina de poucas virtudes (Lévi-Strauss, 1995: 114).

O nosso *flâneur* oferece-nos um panorama da situação da mulher brasileira, no Rio de Janeiro, ao início do século: vítima da dominação masculina, prisioneira da educação tradicional que mantém a dominação e, finalmente, reproduzindo uma tendência que marcou os tempos modernos, ensaiando a luta pela conquista da autonomia política, cultural e econômica. Considero, porém, profundamente significativas para os propósitos desse exercício, as imagens finais que visualizam as mulheres prostitutas como agentes transformadores de comportamento, revelando um momento em que atuam na configuração de uma nova mentalidade, uma mentalidade marcada por signos da vida moderna tais como a moda, o espaço público, o coquetismo, etc.

Continuando o diálogo, sempre caminhando, a visão e o percurso da cidade evocam as diferenças sociais e situa a elite, caracterizando-a.

Gonzaga de Sá dizia-me:

— A mais estúpida mania dos brasileiros, a mais estulta e lorna, é a da aristocracia. Abre aí um jornaleco, dêsses de bonecos, e logo

dás com uns clichés muito negros... Olha que ninguém quer ser negro no Brasil!... Dás com uns clichés muito negros encimados pelos títulos: "Enlace Sousa e Fernandes", ou "Enlace Costa e Alves". Julgas que se trata de grandes famílias nobres? Nada disso. São doutôres arrivistas, que se casam muito naturalmente com filhas de portugueses enriquecidos. Êles descedem de fazendeiros arrebetados, sem nenhuma nobreza e os avós da noiva ainda estão à rabiça do arado na velha gleba do Minho e doidos pelo caldo de unto à tarde (...)

Tomamos o trem. Era um dos de Petrópolis. Ia cheio dos tais de que me falava ainda havia pouco Gonzaga (...)

— Fugi dessa gente de Petrópolis, porque, para mim, êles são estrangeiros, invasores, as mais das vêzes sem nenhuma cultura e sempre rapinantes, sejam nacionais ou estrangeiros. Eu sou Sá, sou o Rio de Janeiro, com seus tamoios, seus negros, seus mulatos, seus cafuzos e seus "galegos" também... (G. S.: 59-60)

Ao contrário das representações da modernidade em Marx e Baudelaire, que criticam a burguesia e, ao mesmo tempo, enaltecem o aspecto laborioso e criativo de sua atuação (Berman, 1987), as visões de Lima Barreto sobre a burguesia nacional são sempre depreciativas. Aqui, ao evocar as diferenças sociais, Gonzaga de Sá traça sua origem: doutores arrivistas descendentes de fazendeiros arruinados, estrangeiros enriquecidos. A nobreza imperial, valorizada pela consciência marginal, é excluída da esfera da elite republicana. É interessante observar que, identificando a elite com propósitos exploradores, Gonzaga equipara-a aos estrangeiros, considera-a invasora, destitui-a dos vínculos da nacionalidade. Os nacionais são os excluídos, seus iguais: tamoios, negros, cafuzos e "galegos".

A expansão das forças produtivas no Brasil, ao final do Império, conduz a transformações significativas na estrutura de classes sociais. A República assiste a uma diluição do binômio senhor-escravo e o concomitante aparecimento de outros grupos sócio-econômicos mais complexos. A abolição da escravatura marginaliza parte dos trabalhadores e substituiu-os quase que integralmente pelo imigrante branco. Assim, nas fazendas de café, o binômio senhor-escravo é substituído pelo senhor-colono. A crise do café desloca o centro produtor do Vale do Paraíba para o oeste paulista, para onde se dirige a força de trabalho imigrante. A crise também desloca parte dos trabalhadores da terra para a cidade, formando um contingente de mão-de-obra operária. A velha aristocracia cafeeira, empobrecida, foge para as cidades reforçando as camadas da pequena-burguesia que se expande. Porém, mantém o prestígio

político e alguns segmentos continuam ativos economicamente, investindo os capitais da lavoura em atividades mais modernas, como indústrias e energia elétrica.

A proibição de novas plantações de café e a recuperação dos preços do produto no mercado, trazem prosperidade ao oeste paulista no início do século. Desse modo, a expansão capitalista permite a diversificação das atividades produtivas, transformando latifundiários em banqueiros e industriais. Forma-se, assim, uma burguesia industrial e financeira em São Paulo, processo que se repete, em menor escala, nas várias regiões do país, levando a um incremento da urbanização.

A dinâmica da economia agrária, além de permitir a formação de uma burguesia financeira e industrial, persistindo a marginalização de amplo segmento da mão-de-obra ativa da economia exportadora, propiciou a formação de uma classe média comerciante, a transformação do imigrante em pequeno proprietário ou sua migração para a cidade. Criam-se, assim, condições para a formação de um operariado urbano e de uma camada de pequenos proprietários rurais.

A burguesia divide suas atividades entre as finanças, o comércio e a indústria. Na burguesia mercantil predominam os estrangeiros, principalmente portugueses que dominam o comércio importador, o grande e o pequeno comércio nas cidades, o que lhes granjeia antipatia dos nacionais. Daí a freqüência de movimentos que, na República, hostilizaram os portugueses. A procedência alienígena deste setor da burguesia e a conseqüente hostilidade de que são alvos conduzem à inoperância política. Segundo Carone (1975) sua ação só se faz nos bastidores governamentais.

Porém, a burguesia financeira e industrial é preponderantemente formada por brasileiros. A burguesia financeira que ascende com a política de créditos que vem do pré-encilhamento, formada de especuladores, banqueiros e comerciantes, que “sobem diariamente a Petrópolis”, foi bem mais dinâmica. Politicamente atuante, foi diretamente responsável pela “chuva de papel” e de todo o caos financeiro que marcou a República, beneficiando-se amplamente da política econômica de Rui Barbosa. É a ela que se refere Gonzaga, quando fala da substituição dos dominadores antigos pelos novos. O enriquecimento fácil da burguesia financeira faz dela um setor tão “invasor” e “rapinante”, quanto os estrangeiros.

Mais lento e discreto é o desenvolvimento da burguesia industrial. Impõe-se timidamente, através de atos legais e defesas teóricas, e, se no início do regime sua atuação é secundária, torna-se preponderante no final, pois sua pertinácia na defesa de seus direitos frente ao governo e ao Congresso é

constante. Porém, não resta dúvida de que, seguindo uma tendência que vem da colônia, o poder continua nas mãos das oligarquias agrárias.

As reflexões de Gonzaga de Sá remetem-nos também à alta classe média, setor identificado com os interesses da burguesia. Formada de setores decadentes da aristocracia rural cafeeira e açucareira, constitui um grupo conservador, aferrado aos valores do passado. O bacharelismo, preferencialmente no curso de Direito, é o caminho preferido para encaminhar seus filhos, compondo uma mocidade que tem "a mania, a superstição do doutor". Segundo Carone, esse segmento — representado pelos profissionais liberais como médicos e advogados — representa a continuação do poder territorial na República. Esta categoria também está presente na alta administração e, com pequena participação, no médio comércio e na indústria.

A classe média intermediária é de formação mais complexa: imigrantes, segmentos das classes decadentes, elementos liberais, exército, etc. A baixa classe média é formada de baixos funcionários públicos e artesãos. Estes setores vão participar ativamente das manifestações políticas do começo da República. O novo regime e a instabilidade política vão permitir, pela primeira vez no Brasil, a ação desta classe na luta pela participação no poder.

A consciência pequeno-burguesa representada em Gonzaga de Sá, marcada pela marginalidade, condena a nova ordem que exclui segmentos inteiros da sociedade — pretos, pobres, suburbanos, etc. Percebendo os excluídos, a manutenção de privilégios estamentais requer a vigência do princípio de universalismo que marcou a modernidade. Requer mudanças. Daí a visão negativa do presente, acompanhada da nostalgia do passado.

Daí porque, na minha opinião, Gonzaga de Sá, apesar da consciência da pequena-burguesia aqui delineada, soma a ela traços aristocráticos que derivam da nostalgia monárquica presente em Lima Barreto. Isso torna-se bem evidente quando, ao descrevê-lo, Lima compõe um tipo "fidalgo". A personagem remete-nos à origem do autor e, ao mesmo tempo, aos seus desejos de afirmação social que se voltam para o passado — o presente não comporta a dimensão moral da personagem. Esta inserção da personagem revela o fardo que a marginalidade representou para Lima Barreto — rejeitado pela sociedade de seu tempo, o autor idealiza o passado como o lugar da redenção do sofrimento.

A conversa entre os amigos, Gonzaga de Sá e Augusto Machado, volta-se para os jornais. Comentam pequenos jornais como a Gazeta de Uberaba e o Pesquisa de Cascadura, falando sobre bons talentos que não aparecem. Ao arguto e inteligente Gonzaga de Sá não escapa o potencial destes jornais e a dinâmica do funcionamento da imprensa, marcada pelo jogo do poder.

— Um jornal, dos grandes, tu bem sabes o que é: uma empresa de gente poderosa, que se quer adulada e só tem certeza naquelas inteligências já firmadas, registradas, carimbadas, etc., etc (...)

— Entretanto, eu achei um meio de travar conhecimento com a jovem inteligência de minha terra: leio as revistas obscuras e alguns jornais de província (G. S.: 89-90).

A imprensa, como as demais instituições da República, não escapou à pena crítica de Lima Barreto. Numa época em que os jornais desempenhavam um importante papel na difusão dos literatos, a marginalidade do autor é reforçada pelo jogo de poder que preside a dinâmica de seu funcionamento; nos jornais, Lima encontra mais um obstáculo à realização de seus anseios. A necessidade de comunicar idéias com liberdade de expressão justifica a criação da revista *Floreal*, vista por Lima Barreto como uma forma de manter independência e identidade.

Porém, a República das Letras não abre espaço para a autonomia intelectual: a revista não sobrevive a um ano de circulação. Nelson Werneck Sodré (1977) destaca que *Floreal* foi a única tentativa séria surgida entre revistas marcadas pela alienação cultural característica da época. Instalada na rua Sete de Setembro, foi fundada por Lima Barreto em 1907 e mantida com a contribuição de 10 ou 20 mil réis dos redatores. Após vender 38 exemplares do primeiro número e 82 do segundo, recebe elogios do crítico José Veríssimo ao terceiro. Desaparece, porém, após o quarto número em 1908.

Lima Barreto tece, em *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*, um panorama genial da imprensa da época, denunciando o jogo de poder urdido entre imprensa e poder político e sua importância na criação de situações e fatos. É mais que um tratado sociológico sobre a dinâmica do poder e sobre a força do imaginário nas ações coletivas. Em *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*, o jornal, pela capacidade de formar e manipular a opinião pública, aparece como uma força que se sobrepõe ao Estado e às demais instituições da República.

Mais uma vez, o tema trazido aos diálogos de Gonzaga de Sá e Augusto Machado revela a modernidade em andamento no Brasil. Sodré (1977) assevera que a história da imprensa é a própria história da sociedade capitalista. Imprensa e capitalismo desenvolveram estreitas relações de caráter dialético. No Brasil a passagem do século marcou a transição da pequena à grande imprensa, revelando um dos aspectos do avanço das relações capitalistas. Altera-se o plano da produção, com a substituição dos pequenos jornais pelas grandes empresas jornalísticas. Por outro lado, no plano da circulação alteram-se as relações do jornal com o anunciante, com a política e com os leitores. Com o

avanço das relações capitalistas, a estrutura empresarial impõe-se à imprensa. O jornal como empreendimento individual sobreviverá apenas no interior do país: será uma empresa capitalista de maior ou menor porte. Entre as conseqüências dessa transição registram-se a diminuição do número de periódicos e a consolidação da estrutura das empresas jornalísticas, reduzindo-se o aparecimento de novos empreendimentos.

Através das observações de Gonzaga de Sá e de Isaías Caminha, Lima Barreto revela grande sensibilidade, percebendo a transformação da imprensa brasileira: o contraste entre o jornal de circunstância, arrimado a uma figura de prestígio — o que se confirma em muitos diálogos aqui registrados — e a nova fase, a de empresa jornalística cada vez mais complexa e cada vez mais inserida na complexidade da estrutura social em mudança, como transparece claramente na fala de Gonzaga de Sá.

Os homens de letras buscavam encontrar no jornal o que não encontravam no livro: notoriedade e dinheiro. Tanto a literatura vive da imprensa quanto a imprensa da literatura, estimulando a polêmica que se tornou um traço característico da época. Isaías Caminha revela a mediocridade que reinava no palco da imprensa numa fase em que, segundo Sodré, ainda sem encontrar sua linguagem específica, aceitava as fracas muletas de uma literatura decadentista, em tudo e por tudo correspondendo à fase em que as oligarquias dominavam amplamente o país.

Lima Barreto, marcado pela marginalidade social, étnica e literária, não encontra espaço na imprensa dominante. Sua intensa participação na vida da cidade se dá através da pequena imprensa, principalmente a de origem proletária.¹⁴

O autor traz para o texto, através de Machado, o *locus* da intelectualidade da cidade: o café.

A alguns dos nossos amigos, de costume, encontrava naquele café (...) Ao café, vínhamos conversar. (...) Quase completo o "Esplendor dos Amanuenses", pois assim denominávamos as nossas reuniões, em vista da profissão da maioria dos convivas — amanuenses, que tinham as suas grandes horas de satisfação e jucundo prazer ali, em tórno daquela mesa e com uma orgia regada a café, entre o enfado da repartição e as agruras de lares difíceis (G. S.: 106).

Os elementos autobiográficos são uma constante pois, tal como Machado, Lima se reunia com o grupo "Esplendor dos Amanuenses".

¹⁴ A atuação de Lima Barreto na imprensa é detalhadamente analisada por mim no trabalho já citado, no capítulo "Lima Barreto — a sensibilidade sociológica no literato marginal".

Ao analisar o ambiente da intelectualidade na sociedade moderna, Mannheim (1974) mostra-nos como os cafés se transformaram em ponto de encontro de intelectualidade na sociedade de massas, substituindo os salões. Ao emanciparem-se das classes superiores, poetas e artistas mantêm uma existência livre e independente nos salões. Na medida em que se desenvolve uma sociedade de massas, a *intelligentsia* criativa começa a dispersar-se. Tendo ela perdido seus contatos, o século XIX encontra-a em estado de isolamento social. A existência marginal na sociedade de massas produz novos amálgamas da intelectualidade. Substituindo os salões, aparecem as tertúlias boêmias e os cafés.

O café, originário do Oriente Médio, apareceu no Ocidente pela primeira vez em Londres, em 1652. Em Paris, os cafés fazem sua aparição perto da bolsa de valores em 1671. Expandiram-se rapidamente e tornaram-se os primeiros centros de opinião numa sociedade parcialmente democratizada. Como o hábito de leitura não havia ainda se estabelecido e os periódicos que antecederam os jornais, como os conhecemos hoje, circularam depois de 1662, com censura, o café era o lugar do exercício da livre expressão. Ali liam-se panfletos e pronunciavam-se discursos. Na Revolução Francesa o potencial político dos cafés emerge em toda sua força.

O relato de Augusto Machado revela a importância cultural e social dos cafés na vida do Rio de Janeiro, no início do século, além de desnudar a visão de mundo dominante no universo dos intelectuais que os freqüentavam, idealistas atentos à realidade circundante. Aí, o café agrega uma intelectualidade de algum modo marginalizada na vida da cidade, diferente da que se reunia na livraria Garnier, na Academia ou nos salões.

Gonzaga viera ao café chamar Machado para ajudá-lo com o enterro do compadre que morrera. A caminho, a visão do subúrbio desperta evocações pessoais no biógrafo. A consciência marginal é atçada pela visão dos excluídos, seus iguais.

Gente fácil de rir-se pensei eu. Enfim, o riso brota de acordo com a inteligência de cada um. O "subúrbio" já estava em movimento. Deixei de observar os quatro curiosos personagens, virei o rosto e, pela portinhola, pus-me a ver a paisagem (...)

Em seguida, a contemplação da natureza cede, bruscamente, diante de um desconhecido, protótipo do acomodado, o que ele não pode ser. Sua condição existencial rebate-se em seu grau de consciência. O subúrbio desperta a interioridade marcada pela insatisfação e pelo conflito.

Porque não sou assim como aquele barrigudo senhor, inconscientemente animalesco, que não pensa nos fins, nas restrições e nas limitações? Longe de me confortar a educação que

recebi, só me exacerba, só fabrica desejos que me fazem desgraçado, dando-me ódios e, talvez despeitos! Por que ma deram? (G. S.: 110-111)

É interessante ressaltar que as evocações e reflexões que a visão da natureza da cidade provocam só competem, do ponto de vista estético, em poesia e riqueza de expressão, com a representação do subúrbio. O amor de Lima pelos excluídos, sua identificação e solidariedade com o sofrimento do povo, sua indignação frente à exploração que sofrem e, acima de tudo, a perseguição de seus ideais literários produz, ao lado das imagens da cidade, as mais belas páginas de sua literatura. Em ricas imagens, revela os tipos humanos que se destacam entre os trabalhadores da cidade, os aspectos urbanos e arquitetônicos, detalhes do cotidiano, informações históricas, o sincretismo religioso da população, enfim, a vida do subúrbio.

A dinâmica da economia agrária, ao excluir amplos setores da população da economia de exportação, propicia a formação de uma classe média comerciante, a transformação do imigrante em pequeno proprietário rural e a migração de nacionais e imigrantes para a cidade. É daqui que sairão os contingentes humanos que formarão o operariado nacional. A grande expansão¹⁵ que experimentou no primeiro período republicano foi motivada pelo desenvolvimento da indústria ao final do século. Levantamentos da população operária revelam o predomínio de estrangeiros e crescente concentração de trabalhadores, o que se faz de modo mais contundente em São Paulo e no Rio de Janeiro. Aqui, pelo recenseamento de 1906, numa população de 811.443 habitantes, 118.770 são operários.

A vida da população suburbana, formada de operários e pequenos burgueses, é repleta de percalços e incertezas. A política econômica do governo, fundada em emissões contínuas e no baixo câmbio, aliadas à falta de qualquer regulamentação legal de salários, torna difíceis as condições de vida, marcadas por baixos salários, instabilidade no emprego, falta de moradia, aluguéis exorbitantes e preços excessivos dos gêneros de primeira necessidade.

Sensível a esta situação que o revolta, Lima Barreto faz do tema do subúrbio uma constante em sua literatura. As imagens poéticas de Gonzaga de Sá, a evidenciar a identificação do autor com os pobres da cidade, são complementadas por contos e crônicas em que o protagonista é sempre o povo. Nas crônicas cotidianas, os excluídos são registrados sob várias perspectivas: das condições de vida, das manifestações culturais, dos tipos humanos, do

¹⁵ "O número de operários cresce continuamente: de 54.164 em 1889, passa a 159.600 em 1910; 275.512 em 1920; e 450.000 em 1930" (Carone, 1975: 193).

sofrimento e até dos sonhos e desejos do cotidiano.¹⁶ Através da ficção carregada de sátira, tal como em *História Macabra* e *Queixa de Defunto*¹⁷, denuncia o descaso do poder público frente as populações suburbanas.

É interessante observar que, sob a pena de Lima Barreto, se Copacabana e Botafogo são os *locus* do “doutor”, dos políticos e intelectuais da burguesia, dos novos-ricos, das mulheres sofisticadas e do *bon-vivant*, o subúrbio é o lugar do malandro como Cassi Jones, ou do poeta boêmio como Ricardo Coração dos Outros, dos puros como Policarpo Quaresma, das brigas de galo e do jogo do bicho — acima de tudo, dos marginalizados, sobretudo os pretos. Quando Lima Barreto descreve os tipos humanos do subúrbio, irmana-os na pobreza mas separa-os na cor — se pretos ou brancos. O estigma da cor, revelado em *Dentes Negros e Cabelos Azuis*¹⁸, está sempre presente nas criações ficcionais do autor.

Finalmente, se as personagens da classe dominante circulam e exibem-se na Avenida Central, na rua do Ouvidor, na Gonçalves Dias e no Teatro Municipal, as figuras do subúrbio circulam e aparecem na estação, espaço público de exibição, do intercâmbio e da sociabilidade, ameaçado porém, pelas transformações da vida moderna.¹⁹ O poder de atração da avenida, entretanto, repetindo uma tendência universal da modernidade, derruba barreiras sociais e agrega num mesmo espaço pessoas de diferentes origens sociais.

Deixando o hotel, ao chegarmos à Avenida Central, havia um movimento por ela acima. Subimos até o pavilhão Monroe. O público noturno de domingo, nas ruas, tem uma certa nota própria. Há os mesmos flâneurs, artistas, escritores boêmios; os mesmos camelôs, mendigos e rôdeuses, que dão o encanto do pitoresco à via pública (...) Por entre essa gente, fomos indo até a balaustrada que dá para o mar, junto à qual nos encostamos, olhando em todo o comprimento a avenida iluminada e movimentada (G. S.: 137).

Nos diálogos com Augusto Machado, Gonzaga de Sá compartilha as opiniões de Lima Barreto sobre as funções da literatura, critica os intelectuais da época e, finalmente, repudia as manifestações literárias de seu tempo.

¹⁶ Vide contos como “O Moleque e Livia”, em *Histórias e Sonhos*, “Manel Capineiro”, em *Gonzaga de Sá*. Porém, é no romance *Clara dos Anjos* que encontramos um retrato acabado da vida suburbana, em todas as dimensões.

¹⁷ Vide *Vida Urbana*.

¹⁸ Vide *Histórias e Sonhos*.

¹⁹ Vide “A Estação”, em *Feiras e Mafuás*.

A necessidade de renovação é motivada pelo sentimento de solidariedade aos humildes que transforma letras em espada.

A nossa emotividade literária só se interessa pelos populares do sertão, unicamente porque são pitorescos e talvez não se possa verificar a verdade de suas criações. No mais, é uma continuação do exame de português, uma retórica mais difícil a se desenvolver (...) Se eu pudesse, aduziu, se me fôsse dado ter o dom completo de escritor, eu havia de ser assim um Rousseau, ao meu jeito, pregando à massa um ideal de vigor, de violência, de fôrça, de coragem calculada, que lhes corrigisse a bondade e a doçura deprimente. Havia de saturá-la de um individualismo feroz, de um ideal de ser como aquelas trepadeiras de Java, amorosas de sol, que coleiam pelas grossas árvores da floresta e vão por ela acima, mais alto que os mais altos ramos para dar afinal a sua glória em espetáculo (G. S.: 133-134).

As reflexões das personagens estão sempre a revelar, na consciência marginal, a inconformidade e inadaptação a uma condição que é de sofrimento. A atitude que introjeta a visão da cidade, remetendo-a à subjetividade, é constante em Gonzaga de Sá. As reflexões sobre a natureza ou sobre a vida da cidade conduzem a consciência marginal de volta a si mesma, inteirando-se de sua individualidade. O indivíduo se inteira da cidade e de si mesmo. As reflexões conduzem a uma subjetividade marcada pela dor, inconformidade e sofrimento.

Da contemplação da cidade à observação de cenas e fatos, está sempre presente em Gonzaga de Sá o grande tema da vida e da obra de Lima Barreto: a revolta e inconformidade com a condição de mulato, levantando a questão do preconceito e a questão do negro no Brasil. A projeção da subjetividade é uma invariante que chega a ser obsessiva.

Do outro lado, lá estava o neto (falava sôbre a sogra do morto, que definira como uma preta retinta) Coitado! Nem o estudo lhe valeria, nem os livros, nem o valor, porque, quando o olhassem diriam lá para os infalíveis: aquilo lá pode saber nada! Tive uma pena infinita, imensa, afetuosa por aquela pobre alma órfã tantas vêzes; eu tive uma imensa tristeza que aquela inteligência não se pudesse expandir livremente, segundo o próprio caminho que ela própria traçasse (G. S.: 122-123).

Finalmente, em *Últimos Encontros*, as reflexões de Augusto Machado sobre a atitude de tia Escolástica e de Gonzaga frente ao afilhado deste reforçam as razões da consciência marginal inconformada.

Bênçãos a ambos, que, na sua missão educadora, souberam ser bons, sem interesse e sem cálculo de espécie alguma, apesar de todos os dous terem concorrido para ampliar, com o hábito de análise e reflexão que o estudo traz, a consciência da criança que devia ficar restricta aos dados elementares para o uso de viver comum, *sem que viessem surgir nela uma mágoa constante e um fatal principio permanente de inadaptação ao meio, criando-lhe um mal-estar irremediável e, conseqüentemente, um desgosto da Vida mais atroz do que o pensamento sempre presente da Morte!* (grifos meus, G. S.: 167-168)

A cidade como fio condutor da trama literária, tal como atua em *Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá*, suscita para a análise sociológica algumas observações. A literatura moderna é uma literatura da cidade, talvez porque o ambiente urbano congregue, num mesmo espaço vivencial, problemas e fatos diversificados, dinâmicos, que podem ser vistos e vividos por muitas pessoas ao mesmo tempo. Este intercâmbio dinâmico e variado de pessoas e situações num espaço único e visível, transfigurar-se-ia numa prosa ou forma literária dinâmica e flexível — que rompe os cânones contemplativos da literatura romântica e o rigor formal da literatura tradicional — como a própria vida da cidade. Daí o *flâneur* e Gonzaga, que estão a revelar esta simbiose entre cidade/literatura: ao refletirem a partir da deambulação pela cidade, estão a nos dizer que os “temas” trazidos à reflexão literária brotam da “vida” da cidade. Refletem sobre o que vivem no espaço que percorrem. Desse modo a literatura se transforma, se “moderniza”, a partir dos influxos da vida urbana. Percebemos como a sociedade conduz a literatura não só com temáticas que estão “fora” do fato literário, mas com “uma forma” que está “dentro”. O exterior transforma-se no interior e a literatura, sob a perspectiva de Foucault, transcenderia o *status* de “documento”, transformando-se em “monumento”.

Os temas presentes em Gonzaga de Sá, revelados nos diálogos com Augusto Machado, estes elementos extra-literários, visíveis, que estão na superfície do discurso, são transformadores do discurso — convertem-se em literários, ou internos, transformando-o por dentro — na medida em que, ao se voltar para eles, ao contrário de seus contemporâneos, Lima Barreto produz uma literatura flexível, dinâmica e transgressora dos cânones estabelecidos. O intercâmbio arte/sociedade, interpretado “de dentro” é extremamente visível em Lima, no modo como sua forma/estilo, rompe com os preceitos dominantes, na tentativa de transportar para o universo literário a vida que se transformava. A sociedade em transformação, trazida para a literatura como “tema”, transformou a literatura como “forma”. É bem verdade que esta perspectiva

não pode ser considerada de modo unilateral, devendo ser relativizada frente aos desejos do autor. A esta dinâmica somam-se os ideais literários de Lima Barreto, compondo um processo em que a dialética escritor/sociedade está presente: à realidade em mudança agregam-se os ideais literários de um autor inadaptado e marginal.

Aproximando Gonzaga de Sá e o *flâneur*, percebemos como estas transformações formais foram catalisadas pela cidade, vistas e percebidas a partir da cidade. O universo de Lima Barreto, assim como o de Baudelaire, de Poe e do próprio Benjamin, é o universo urbano; é a partir dele que questionam a existência. É a partir dele que inovam no modo de conduzir as interrogações existenciais pela literatura e pela filosofia. Daí porque não concordo com Wille Bolle quando diz:

Desde quando existe na literatura brasileira uma consciência urbana moderna? Ela nasceu juntamente com a metrópole moderna no início do século XX em São Paulo. Devido a suas vantagens geográficas, à sua infra-estrutura e à imigração, a cidade tornou-se o centro industrial e comercial do país, e mais: seu principal foco de inovação cultural e artística. A metrópole brasileira aparece, pela primeira vez, como protagonista literária no livro de poemas de Mário de Andrade, *Paulicéia Desvairada* (Bolle, 1994: 33).

Está presente em Lima Barreto que, antes dos modernistas, foi romancista do espaço urbano, registrando tão bem, com perspicácia e paixão, os contornos do Rio de Janeiro, a "sua" cidade.

Como se viu, é a partir da cidade que Gonzaga de Sá remete-nos a reflexões de importante densidade histórica. O "tempo do agora" e o passado surgem à reflexão pelo contato com a cidade em suas belezas naturais e configuração espacial. Além disso, a personagem Gonzaga de Sá, na medida em que remete à figura do *flâneur*, fisionomista urbano, introduz na literatura brasileira uma personagem caracteristicamente urbana e moderna que nos permite a aproximação com a história de modo tipicamente moderno — a partir da cidade. Desse modo, a consciência urbana moderna está presente na literatura de Lima Barreto uma vez que a cidade existe como protagonista e como elemento estruturante da trama do romance *Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá*, suscitando-lhe a dinâmica e articulando-lhe a temática. Além disso, como se viu, teve também profundas ressonâncias formais na literatura barretiana. Gonzaga de Sá é o seu testemunho.

Outrossim, as aproximações podem dar-se não só pela alegoria do *flâneur*, da perspectiva das transformações formais, como também por temas comuns como o jogo, as prostitutas e, finalmente, em nível das situações

históricas que comportam homologias. Paris do século XIX remete à modernidade europeia, na fase do capitalismo financeiro, simbolizada pelas remodelações de Haussmann. O Rio de Janeiro do início do século remete à modernidade brasileira na fase do capitalismo industrial, simbolizado pelas remodelações de Pereira Passos. É interessante observar que nas remodelações das duas cidades, o *flâneur* e Gonzaga registram fenômenos semelhantes: concorrências fraudulentas, construções precárias, atendimento a interesses particulares, etc. Porém, uma leitura benjaminiana de Lima permite-nos estabelecer singularidades bem definidas. Em primeiro lugar, se o objetivo do *flâneur* é a mercadoria, que persegue em todas as suas manifestações, o alvo de Gonzaga é a República. Lima está mais atento à esfera política do contexto histórico. O *flâneur* parisiense encanta-se com o mundo da mercadoria e extasia-se em suas objetivações. Daí seus sonhos de futuro. O *flâneur* brasileiro entristece-se com as relações de dominação que se configuram no mundo da mercadoria. Oprimido por estas relações, que o excluem e a seus pares do universo do poder, privilégio e prestígio, requer os ideais universalistas da modernidade. Porém, sem perspectiva de futuro, não sonha com o devir: a mudança que deseja é para trás. Alimenta-se da nostalgia do passado.

O alvo de nosso *flâneur* é a república nascente, transformando hábitos, a vida e a própria estrutura física da cidade. Os níveis de percepção dependem do ponto de vista dos autores — Baudelaire e Lima — de suas perspectivas intelectuais e da realidade que vivenciaram. Mas não resta dúvida de que estão mergulhados no processo de consolidação (Baudelaire) e instalação (Lima) da modernidade encerrada em dimensões espaciais e temporais bem diferentes.

Em segundo lugar, o que considero fundamental neste contraponto é ressaltar que, se Gonzaga de Sá é um fisionomista da cidade revelando-nos o essencial pelo aparente, o essencial que ele revela, apesar de comprometido com a modernidade, não é a modernidade em sua dimensão artística e cultural, mas em sua dimensão material: é a modernização que a precede. O nosso *flâneur* não sonha, não delira, não trabalha com fantasmagorias, não está sob efeito de alucinógenos — seu senso de realismo o coloca com os pés fincados no chão da nascente república brasileira e não nos sonhos da modernidade ocidental. Daí sua insensibilidade para com o devir: vive da crítica do presente e da nostalgia do passado, jamais dos sonhos do futuro.

Voltando a Wille Bolle,

Assim como Baudelaire e Benjamin se debateram com as fantasmagorias da Modernidade nas metrópoles europeias, Mário de Andrade vê em São Paulo o lugar apropriado para estudar as fantasmagorias da Modernidade nos trópicos. Ele colocou seu

trabalho como poeta, romancista e crítico a serviço dessa causa (Bolle, op. cit.: 31).

Lima Barreto introduziu na literatura brasileira um universo temático até então à sua margem, sob uma perspectiva crítica inovadora e desafiadora dos padrões literários de então. Porém, seu realismo, apoiado em ideais literários que fazem da literatura um instrumento de "militância", produz em Gonzaga de Sá um flâneur com "pés de chumbo". Os delírios e sonhos culturais da modernidade só encontrarão expressão na literatura brasileira com os modernistas. Então, a literatura povoa-se de sonhos, alucinações, máscaras, ironia às fantasmagorias da modernidade, etc. O realismo é um traço muito presente na literatura barretiana, é a sua fronteira com a modernidade. Porém, o nosso flâneur, apesar dos "pés de chumbo" é, para mim, um instrumento heurístico da maior importância: tal como o francês, como fisionomista da cidade, porta um grande potencial de conhecimento para a pesquisa sociológica. Retiro daí o retrato da modernidade brasileira em suas origens modernizadoras.

Há, neste retrato, alguns elementos que, do ponto de vista sociológico, marcam substancialmente a visão de Lima Barreto. Em primeiro lugar, contrapondo-o aos porta-vozes da modernidade européia, o romancista aponta em direção às fontes da vida moderna no Brasil. A modernidade brasileira não foi antecedida por avanços no conhecimento, grandes descobertas nas ciências, descomunal explosão demográfica ou movimentos sociais de massa. As fontes da vida moderna, no Brasil, são bem outras. As forças endógenas são conduzidas, moldadas, por influxos externos.

Tal como na versão original, a modernidade decorre das necessidades expansionistas do mercado capitalista, mas do mercado capitalista europeu. É a expansão imperialista da Europa a fonte fundamental da vida moderna no Brasil. É para este dado que remete a irritação do sábio Gonzaga de Sá com os ingleses: remete para o caráter dependente da modernização brasileira. As obras modernizantes voltadas para a infra-estrutura de transportes e comunicação e, posteriormente, para a substituição das importações, através do incremento à industrialização, fizeram-se na medida e no ritmo que a expansão imperialista exigia e permitia.

Na medida em que Gonzaga de Sá identifica a burguesia nacional com os estrangeiros, despindo-a dos laços da nacionalidade porque exploradora, a percepção destes laços soma-se à identificação de um consenso entre as elites brasileiras e o capital internacional. O caráter dependente da modernização brasileira não decorreu da imposição dos interesses externos. Sua dominância valeu-se de um consenso interno. O pacto das elites com o capital internacional

foi fundamental. A modernização brasileira não foi obra de uma burguesia empreendedora, laboriosa e criativa, mas de uma burguesia subserviente. Daí porque Gonzaga de Sá considera a nacionalidade um atributo dos tamoios, negros, mulatos, cafuzos e até “galegos” — dos excluídos, enfim.

Aqui percebemos que, como alegoria da consciência pequeno-burguesa marginal, Gonzaga de Sá remete-nos a outra importante característica da modernização brasileira: seu caráter excludente. O advento da modernidade na Europa, impulsionada pelo universalismo de seus ideólogos, derruba barreiras sociais, étnicas, culturais. Conceituados como iguais, os homens lançaram-se na luta pelo reconhecimento de um espaço de iguais, estabelecendo os princípios da sociedade democrática. No Brasil, porém, a modernidade que se insinua com a República instala-se pela força do árbitro e não dos princípios. Nega-se a democracia e reforça-se o caráter hierárquico e segregador da sociedade estamental da Colônia e do Império. A conexão burocracia/militarismo reforça este processo. Toda a obra de Lima Barreto é um documento vivo da natureza excludente e autoritária da modernização brasileira. A figura do “doutor”, tão obsessivamente destacada por Lima, é a alegoria mais perfeita desse processo.

Além disso, esta conexão, além de revelar o caráter autoritário do processo modernizador ao assinalar o comportamento transgressor, amoral, que domina a ordem burocrática, revela a ineficácia das instituições, orientadas pelas relações pessoais. Deste modo, a ordem burocrática, tal como se consolidou no Brasil, não se fez acompanhar dos critérios de competência e racionalidade. A sociedade brasileira que se quer moderna não conhece o princípio de eficácia que marcou a modernidade européia. Além disso, ao rotinizar e estender às demais instituições o comportamento transgressor, a burguesia dominante reproduz privilégios estamentais e alimenta a exclusão. A dinâmica da imprensa que se coloca como a força mais poderosa da República, sobrepondo-se ao Estado e demais instituições, atesta este processo.

A localização social de Lima Barreto entre os excluídos é fundamental à visão crítica do processo e a seu desejo de inovação formal na literatura. Exilado em seu próprio meio, “emparedado” como expressou Cruz e Souza, Lima Barreto assinala as razões de seu exílio. Daí porque, ao contrário de Baudelaire, só compõe o que Berman chamou de visão anti-pastoral da modernidade: condena o progresso, enaltece o passado, denigre os atores e a própria vida moderna.

Assinalando o caráter dependente, excludente e autoritário da modernização brasileira, a anti-pastoral de Lima Barreto só é atenuada frente ao enaltecimento da cidade como conteúdo de beleza, de história e da própria

subjetividade. O indivíduo se amalgama à cidade num corpo único e indissolúvel. Porém, fiel às práticas modernizantes originais, a cidade é transformada sob os influxos modernizadores. As transformações não encontram eco positivo em Gonzaga de Sá que, ao contrário do *flâneur* parisiense, não vê nelas as possibilidades do futuro, considerando-as agressivas, violadoras da história e da natureza. Daí os "pés de chumbo" de nosso *flâneur*, que não se extasia, não se encanta, não sonha com as possibilidades da modernidade.

Além desses elementos fundamentais à perspectiva sociológica, *Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá* remete-nos a cenas, ambientes e movimentos típicos da modernidade: cafés, bondes, avenidas, movimento feminista, magia das prostitutas, etc. Finalmente, as reflexões finais de Gonzaga de Sá e Augusto Machado reforçam o sofrimento presente na consciência pequeno-burguesa marginal e destacam seu papel como motivação aos desejos de inovação literária do autor.

Na perspectiva comovente de Lima Barreto, a literatura deveria minorar o sofrimento dos excluídos e promover o conagraçamento entre os homens. Deveria perseguir os ideais da modernidade. A rejeição de Lima Barreto à República significou a rejeição ao modelo de modernização que se impunha. Assim, se à primeira análise Lima Barreto nos aparece como um nostálgico do passado combatendo o Brasil moderno, na verdade o que combate é o modelo de modernização que é imposto ao país. Volta-se ao passado porque não vê, no presente, perspectivas para o futuro que atendam aos ideais da modernidade, ideais que compartilha e pretende difundir através de sua obra. Através da literatura, Lima Barreto produz um retrato expressivo e contundente de uma modernidade abortada. No mundo capitalista, a estrutura social dos países marcados por relações de dominação que pressupõem a dependência produziu esta variante inacabada e frustrante da modernidade européia. Na obra de Lima Barreto, a modernidade como tragédia configura-se com uma dimensão muito mais contundente do que em suas representações clássicas.

A obra de Lima Barreto é o grito dos que sentem a sua opressão.

ABSTRACT

This article explores the visions of the city of Rio de Janeiro at the beginning of this century observed in the writings of Lima Barreto. The author discusses the dynamics of modernization in peripheral contexts, which tends to be a late and subaltern process as compared to the central countries of international capitalism.

RÉSUMÉ

L'article explore les points de vue sur la ville de Rio de Janeiro au début du XXe. siècle présents dans le roman de Lima Barreto et discute comment la dynamique de l'introduction de la modernité dans les régions périphériques se fait tardivement et subordonnée aux métropoles, centres du capitalisme international.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Barreto, Lima (1956) *Obras de Lima Barreto*, organizadas sob a direção de Francisco de Assis Barbosa, com a colaboração de Antônio Houaiss e M. Cavalcanti Proença. São Paulo: Editora Brasiliense, 17 vols.
- Bolle, Willi (1994) *Fisiognomia da Metrópole Moderna*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.
- Barbosa, Francisco de Assis (1964) *A Vida de Lima Barreto (1881/1922)*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira.
- Benjamin, Walter (1994) *Charles Baudelaire – um lírico no auge do capitalismo*. Obras Escolhidas, vol. III. São Paulo: Brasiliense.
- Berman, Marshall (1978) *Tudo que é sólido desmancha no ar – a aventura da modernidade*. São Paulo: Editora Schwarcz.
- Bosi, Alfredo (1992) *Dialética da Colonização*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Carone, Edgar (1975) *A República Velha 1. Instituições e Classes Sociais*. São Paulo: Difel.
- Habermas, Jurgen (1990) *O Discurso Filosófico da Modernidade*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- Lévi-Strauss, Claude (1970) *Tristes Trópicos*. Lisboa: Edições 70.
- Mannheim, Karl (1974) *Sociologia da Cultura*. São Paulo: Perspectiva/Universidade de São Paulo.
- Machado, Maria Cristina Teixeira (1997) *Lima Barreto – um pensador social na Primeira República*. Tese de doutorado apresentada à UnB, defendida em 30 de abril de 1997.
- Resende, Beatriz (1993) *O Rio de Janeiro em Fragmentos*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ/UNICAMP.
- Rocha, Ana Maria (1990) “Novos Espaços, Novas Bandeiras”. *Presença da Mulher* Ano IV, nº 15, janeiro/março.
- Rouanet, Sérgio Paulo (s/d) “É a cidade que habita os homens ou são eles que moram nela?”. *Revista da Usp*, nº 49
- _____ (1993) *Mal-Estar na Modernidade*. São Paulo: Companhia das Letras.
- _____ (1989) *As Razões do Iluminismo*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Sevcenko, Nicolau (1992) *A literatura como missão*. São Paulo: Brasiliense.

Singer, Paul (1975) "O Brasil no Contexto do Capitalismo Internacional 1889-1930" in Fausto, Boris (org.), *História Geral da Civilização Brasileira, III. O Brasil Republicano 1. Estrutura de Poder e Economia (1889/1930)* vol. 8. São Paulo: Difel.

Sodré, Nelson Werneck (1977) *História da Imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Graal, 2ª ed.